

DO NASCIMENTO DOS DEUSES

Uma cultura depende da qualidade dos seus deuses, da configuração que o divino tiver tomado face ao homem, da relação declarada e da encoberta, de tudo o que permitir que se faça em seu nome e, mais ainda, da contenda possível entre o homem, o seu adorador, e essa realidade; da exigência e da graça que a alma humana se outorga a si mesma através da imagem divina.

Como nasceram os deuses e porquê? Teria podido o homem viver sem eles? Ou será a necessidade humana que, insaciável, os faz surgir, mantendo-se escondida, para os aceitar depois como algo que encontrou acima e até contra si mesma? Os deuses perseguem o homem com a sua graça e o seu rancor; é a sua primeira característica. Só nessa maturidade em que se insinua a decadência de uma era é que os deuses aparecem impassíveis, indiferentes ao homem. “No caso de haver deuses, estes não se preocupam com os homens”, dizia Lucrecio na desolação da cultura greco-romana. Para esta consciência vigilante, os deuses já estavam mortos. Porém, quando os deuses aparecem, fazem-se sentir, sobretudo, porque se preocupam muito, talvez demasiado, com os homens. É como que um delírio de perseguição que os homens sofrem.

No mais profundo da relação do homem com os deuses aninha-se a perseguição: é-se perseguido sem tréguas por eles, e quem não sentir esta perseguição implacável sobre si e à sua volta, enredada nos seus passos, misturada nos mais simples acontecimentos, decidindo e até ditando os acontecimentos que mudam a sua vida, torcendo os seus caminhos, palpitando enigmaticamente no fundo secreto da sua vida e em toda a realidade, deixou na verdade de acreditar neles. E sabe-se quão facilmente se transforma a atitude persecutória de um homem em relação a um deus na sua mais fervorosa adoração. É que a relação inicial, primária, do homem com o divino não se dá na razão, mas sim no delírio. A razão canalizará o delírio em amor.

Um delírio de perseguição. A medicina moderna — muito mais psicológica do que fisiológica — mergulha o seu olhar neste delírio que hoje volta a assolar o mundo. E a verdade é que qualquer que seja a sua configuração, a sua motivação aparente, a luta com o divino não anda longe. O domínio da psiquiatria coincide com o domínio do sagrado, o divino ainda não revelado.

E à luz deste delírio, o mais implacável de todos, poderíamos ver de que forma o que mais tarde será denominado Deus se faz sentir ao homem. E o que declara e denuncia acerca da condição da vida humana. Que haja vida, será isso? Que alguém é esse, cuja vida se sente oprimida pelos deuses?

Quando ainda não os há, para quê criá-los? Se foram criados, deve ter sido por algo iniludível. É, sem dúvida, o aspecto primeiro, original da tragédia que é viver humanamente. Pois antes de entrar em luta com outro homem e mais além dessa luta, aparece a luta com esse algo a que mais tarde, depois de um longo e fatigoso trabalho, se chamará deuses.

Na sua situação inicial o homem não se sente só. À sua volta não há um “espaço vital”, livre, em cujo vazio se pode mover, antes pelo contrário. O que o rodeia está cheio. Cheio e não sabe de quê. Mas, poderia não precisar de saber de que está cheio isso que o rodeia. Mas se precisa é porque se sente diferente, estranho. Não se interroga sequer; até chegar o momento em

que possa perguntar por aquilo que o rodeia, ainda tem um longo caminho a percorrer; pois a realidade transborda-o, ultrapassa-o e não lhe basta. Não é realidade, mas visão, o que lhe falta. A sua necessidade imediata é *ver*. Que essa realidade desigual se desenhe em entidades, que o contínuo se desenhe em formas separadas, identificáveis. Ao perseguir o que o persegue, a primeira coisa de que precisa é de *identificá-lo*.

Talvez não seja necessário dizer que o delírio da perseguição obriga a perseguir, e quem o sofre não sabe, não pode discernir se persegue ou é perseguido. A sua conduta observada de fora é a de quem persegue, mas vai arrastado, inocente da sua acção. E assim, quando o delírio culminar na súplica “Permitime, Senhor, que veja o vosso rosto”, fá-la-á no máximo da exasperação, no limite da sua resistência após uma esgotadora luta.

E quando poeticamente os definir, julgará que transcreve o que foi, se mostrou sempre assim. Então terá finalizado o delírio da perseguição; alcançou, por fim, o pacto.

Os deuses gregos — homéricos — sofreram a interpretação de serem a expressão personificada das forças naturais. Mas, para que fosse assim, teria sido necessário que estas forças fossem sentidas como tais. E o contrário é que foi mais verdade: as forças naturais, “a natureza” foi vista apenas depois de os deuses, na sua perfeita representação, a terem deixado visível; depois de a terem desembaraçado desse *algo* de que são portadores; depois, também, de o pacto com eles ter desiludido o homem, deixando-o em liberdade, pacificado já do seu primeiro delírio. E, portanto, vitorioso¹.

Pois no princípio era o delírio; o delírio visionário do Caos e da cega noite. A realidade oprime e não se sabe o seu nome. É contínua, pois preenche tudo e não apareceu ainda o espaço, conquista lenta e trabalhosa. Tanto ou mais que a do tempo. A primeira coisa que é preciso para o aparecimento de um espaço livre, onde o homem não tropece em nada, é concretizar a reali-

¹ Na luta com os deuses, o homem interpreta a paz como vitória. Daí os deuses voltarem a persegui-lo.

dade, na forma de a ir identificando; de ir descobrindo nela entidades, unidades qualitativas. É o discernimento primeiro, muito anterior ao lógico, à especificação da realidade em géneros e espécies, e que a prepara. Não há “coisas” nem seres ainda, nesta situação; só serão visíveis depois de os deuses terem aparecido e terem nome e figura.

Os deuses parecem, pois, uma forma de trato com a realidade, aplacadora do terror primeiro, elementar, da qual o homem se sente preso ao sentir-se distinto, ao ocupar uma situação ímpar. Não sente ainda a “estranheza” que surge apenas na consciência e o que lhe acontece é o viver imediato sem consciência, sem visão da sua situação “estranha”, fonte do delírio de perseguição.

Os deuses, identificações primeiras que o homem descobre na realidade, têm duas grandes funções libertadoras — das quais algo ficará sempre nas ideias, nos conceitos, muito mais tarde — que neles têm a sua raiz.

E esta primeira forma de trato com a realidade tinha de dar-se numa imagem. A necessidade de ter uma ideia dos deuses só pode aparecer quando já há ideias, mais ainda, quando já há ideias de quase todas as coisas, pois os deuses são os últimos a atrair esse olhar próprio da libertação humana: o conhecimento. E então já deixaram propriamente de ser deuses. A sua forma adequada, o seu invólucro é uma imagem; a imagem primeira que o homem é capaz de construir, isto é, uma imagem sagrada que reaparecerá sempre no delírio do amor.

Mas antes de ver o que é a imagem sagrada e a imagem, apresenta-se-nos uma questão principal: por que é que esta primeira forma de trato com a realidade, estas identificações que a alma humana opera na plenitude da realidade, têm de ser deuses? Por que é que houve sempre deuses, de vários tipos, certamente, mas, enfim, deuses?

A situação a que chegou o homem ocidental, de um manifesto ou mascarado laicismo, é que pode sugerir esta pergunta. Na necessidade de justificar tudo o que sofremos temos de justificar já essa necessidade abissal, definitiva da condição humana.

Pois para onde quer que dirijamos o olhar, descobrimos deuses, ainda que de espécies diferentes. Nem todos cumpriram a função dos deuses gregos, nem foram revelados da mesma maneira. Mas tudo testemunha que a vida humana sentiu sempre que estava perante *algo*, melhor, sob algo.

No princípio era o delírio; quer dizer que o homem se sentia olhado sem ver. E esse é o começo do delírio persecutório: a presença inexorável de uma instância superior à nossa vida que encobre a realidade e que não é visível para nós. É sentirmo-nos olhados sem podermos ver quem nos olha. E assim esse olhar, em vez de ser fonte de luz, é sombra². Mas, como em todos os delírios humanos, a esperança está presente, e talvez mais do que em qualquer outro, por ser o primeiro. A esperança está prisioneira no terror; a angústia de se sentir olhado envolve o desejo de o ser, e toda a esperança que desperta, que acode perante essa presença que se manifesta ocultando-se.

A forma primeira em que a realidade se apresenta ao homem é a de uma completa ocultação, ocultação radical; pois a primeira realidade que se oculta ao homem é ele mesmo. O homem — ser escondido — anseia por sair de si e tem medo disso, mesmo que a realidade inteira não envolvesse nenhum alguém, ninguém que o pudesse olhar, ele projectaria esse olhar; o olhar de que ele é dotado e que mal pode exercitar. E assim, ele próprio, que não pode ainda olhar-se, olha-se a partir do que o rodeia. E tudo, as árvores e as pedras, olha para ele e, sobretudo, aquilo que está sobre a sua cabeça e permanece fixo sobre os seus passos, como uma abóbada da qual não pode escapar: o firmamento e os seus hóspedes resplandecentes. E daquilo que não pode escapar, espera.

A esperança dirige-se para esta instância que envolve o homem, não humana. Instância — realidade — que ele não inventa: encontrou-a com a sua vida. Daí o sempre ter havido deuses numa ou noutra forma. Os deuses foram, podem ter sido, inventados, mas não a matriz onde surgiram um dia, não esse fundo último da realidade, que foi pensado depois e tradu-

² A sombra que também no cristianismo visitava a criatura eleita.